A Interculturalidade Crítica e os Desafios para Articular Identidades e Diferenças Culturais nas Práticas Pedagógicas

La Interculturalidad Crítica y los Desafíos para Articular Identidades y Diferencias Culturales en las Prácticas Pedagógicas

Pedro Rauber[1]

Resumo

Este artigo apresenta algumas reflexões resultantes da pesquisa de doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da UCDB e tem como objetivo analisar, com base na interculturalidade crítica, como os processos formativos de professores/as egressos/as do Curso de Pedagogia da UEMS se articulam com as práticas voltadas para as identidades/diferenças no espaço escolar. Para desenvolver as reflexões foram utilizados dados produzidos para a pesquisa com oito (08) professoras que atuam na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental na rede municipal de ensino de Dourados – MS. As percepções alcançadas a partir das observações foram aprofundadas com as falas obtidas nas entrevistas com as professoras e no grupo de discussão, articuladas com reflexões teóricas nas quais a tese se fundamenta. Embora as professoras revelem dificuldades em abordar de forma mais ampla e aprofundada as concepções de identidades/diferenças culturais em sala de aula, elas revelaram concepções de identidades/diferenças não como essenciais e fixas, mas como passíveis de serem modificadas pelos processos formativos o que sinaliza a emergência de práticas que se aproximam da interculturalidade crítica. Embora às vezes, preferem silenciar sobre o tema, elas se mostram abertas a processos formativos que lidam com essa temática. Concluímos que o curso de Pedagogia foi fundamental para o desenvolvimento de estratégias para abordar as identidades/diferenças. Entretanto, dada a complexidade da temática, um processo formativo na ótica da interculturalidade crítica qualificaria ainda mais a prática docente frente as exigências cada vez mais desafiadoras que o atual contexto sociopolítico multicultural exige.

Palavras-Chave: Estudos Culturais, Identidades e Diferenças Culturais, Interculturalidade Crítica, Práticas Pedagógicas.

Resumem

Este artículo presenta algunas reflexiones resultantes de la investigación de doctorado en Educación del Programa de Postgrado en Educación - Maestría y Doctorado de la UCDB y tiene como objetivo analizar, con base en la interculturalidad crítica, como los procesos formativos de profesores / as egresados / Curso de Pedagogía de la UEMS se articulan con las prácticas orientadas hacia las identidades / diferencias en el espacio escolar. Para desarrollar las reflexiones se utilizaron datos producidos para la investigación con ocho (08) profesoras que actúan en la Educación Infantil y años iniciales de la Enseñanza Fundamental en la red municipal de enseñanza de Dourados - MS. Las percepciones alcanzadas a partir de las observaciones fueron profundizadas con las palabras obtenidas en las entrevistas con las profesoras y en el grupo de discusión, articuladas con reflexiones teóricas en las cuales la tesis se fundamenta. Aunque las profesoras revelan dificultades en abordar de forma más amplia y profundizada las concepciones de identidades / diferencias culturales en el aula, ellas revelaron concepciones de identidades / diferencias no como esenciales y fijas, sino como pasibles de ser modificadas por los procesos formativos lo que señala la emergencia de prácticas que se aproximan a la interculturalidad crítica. Aunque a veces prefieren silenciar sobre el tema, se muestran abiertas a procesos formativos que tratan con esa temática. Concluimos que el curso de Pedagogía fue fundamental para

[1] Doutor em Educação; Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade Universitária de Dourados – Mato Grosso do Sul – Brasil; rauber@uems.br.

el desarrollo de estrategias para abordar las identidades / diferencias. Sin embargo, dada la complejidad de la temática, un proceso formativo en la óptica de la interculturalidad crítica calificaría aún más la práctica docente frente a las exigencias cada vez más desafiantes que el actual contexto sociopolítico multicultural exige.

Palabras claves: Estudios Culturales, Identidades y Diferencias Culturales, Interculturalidad Crítica, Prácticas Pedagógicas.

1. Introdução

Este artigo apresenta algumas reflexões resultantes da pesquisa de doutorado vinculada à Linha de Pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB – Campo Grande – MS, Brasil e, ancorado na concepção teórico-metodológica da interculturalidade Crítica e nos Estudos Culturais de orientação pós-estruturalista, tem como objetivo analisar como os processos formativos de professores/as egressos/as do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS – se articulam com as práticas voltadas para as identidades/diferenças no espaço escolar.

Para desenvolver as reflexões foram utilizados dados durante o doutorado produzidos junto a oito (08) professoras que atuam na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental na rede municipal de ensino de Dourados – MS. As percepções alcançadas a partir das observações foram aprofundadas com as falas obtidas nas entrevistas com as professoras e no grupo de discussão, articuladas com as reflexões teóricas nas quais a tese se fundamenta.

2. Desafios para articular a partir da perspectiva intercultural e dos estudos culturais as identidades/diferenças culturais nas práticas pedagógicas

A interculturalidade crítica, de acordo com Walsh (2009), é um projeto cultural, ético, social, político e epistêmico proposto pelo grupo “modernidade-colonialidade” e que busca interrogar, subverter, desconstruir e romper com a suposta universalidade do conhecimento que o colonialismo trouxe ao mundo. Ao interrogar e colocar em xeque a cultura comum de base ocidental e eurocêntrica, que buscou silenciar/invisibilizar vozes, saberes, cores, conhecimentos e crenças. Os especialistas que se filiam ao grupo modernidade/colonialidade centram suas análises nas relações de poder presentes no processo histórico de formação do continente latino-americano. Um processo orientado pela afirmação de racionalidades outras, notadamente fora da lógica da modernidade “euro-usa-cêntrica”. A atenção de suas análises volta-se para as funções que a educação escolar exerceu na difusão e na consolidação de relações culturais, sociais e de poder em suas dimensões étnicas, de raça, de classe, de gênero, de orientação sexual da cultura ocidental.

Ao questionar os processos de subalternização e inferiorização, invisibilização que determinados grupos culturais sofreram frente às condições a que foram submetidos por longo período da história, a interculturalidade crítica visa o empoderamento de sujeitos e atores historicamente inferiorizados e subalternizados ao garantir o ingresso, permanência e sucesso na educação escolar de seus sujeitos ao valorizar histórias de vida, cruzar conhecimentos e saberes por diferentes maneiras e dar visibilidade às identidades, buscando favorecer a troca, o intercâmbio e o reconhecimento mútuo como forma de romper com os processos de homogeneização de caráter monocultural que invisibilizam, inferiorizam, silenciam e ocultam as diferenças nas relações entre os sujeitos no espaço, no currículo e nas práticas escolares (SILVA, 2013a).

As práticas interculturais, ao reconhecer e valorizar cada um dos sujeitos, priorizam a valorização das identidades culturais bem como a incorporação de suas contribuições culturais nos currículos escolares e nos materiais pedagógicos nos diferentes componentes curriculares como forma de valorizar processos históricos, culturais e sociais de resistência vividos pelos diferentes grupos sociais e suas contribuições à construção histórica dos diferentes países, favorecem a valorização do outro e a construção de identidades culturais abertas ao diálogo e formação de sujeitos de direitos (CANDAU, 2012).

Os Estudos Culturais representam para nós como que uma forma de compreender como as identidades se produzem na relação com as diferenças, uma vez que elas se produzem na relação com a diferença e "funcionam fundamentalmente como processos de significação. Compreender como elas se produzem, torna possível estabelecer a partir das relações que se estabelecem em sala de aula, produtivas aproximações para descrever-analisar, compreender e dizer algo diferente, sobre eles e a partir deles, sobre a forma como os processos formativos se articulam com as práticas voltadas para a produção de identidades/diferenças no espaço escolar (BACKES, 2005).

Ao operar desta forma, é possível estabelecer produtivas aproximações que nos ajudam a construir um instrumento metodológico e uma lógica de análise que possibilite compreender as movimentações discursivas que se engajam em torno delas que inventam, produzem e instituem identidades. Porém, a construção de um instrumento metodológico na perspectiva da interculturalidade crítica e dos Estudos Culturais não pode ser feita apenas a partir de uma teoria e nem de um único método, mas, de uma bricolagem de métodos. Mas de uma "total desterritorialização, que exige a invenção de outros e novos territórios" (PARAÍSO, 2014, p. 35).

Assim, apoiados nas teorias pós-críticas e nas diferentes perspectivas, deslocamentos, viradas, explosões e desconstruções que elas nos fornecem, é possível operar recortes e colagens que nos ajudam a desconstruir as oposições binárias que tantas hierarquias construíram.

Uma vez que, a partir dos Estudos Culturais, cultura deixa de ser gradativamente, domínio exclusivo da erudição, de padrões estéticos elitizados da tradição literária, artística e estilística da denominada "alta cultura" e passa a abrir um leque amplo, cambiante, versátil e líquido de sentidos. Ao passar a considerar diferentes possibilidades, significados, subjetividades e principalmente desigualdades sociais, é possível abrir-se e ampliar as análises para contemplar elementos que vão além das categorias classificatórias e prescritivas produzidas sob o domínio da modernidade. O conceito de cultura passaria necessariamente a considerar também os gostos das multidões e que foram historicamente negados por muito tempo, denominado até então "baixa cultura" (COSTA; SILVEIRA e SOMMER, 2003).

Com essa diversidade e multiplicidade de discursos, metodologias, histórias, formações, saberes e posicionamentos os Estudos Culturais permitem valorizar e incentivar uma clara vocação política através da qual é possível estudar e compreender a realidade social e política mantendo, tanto questões políticas como também questões teóricas que nos atravessam numa permanente tensão.

3. Desafios para problematizar e articular a partir da sala de aula saberes, discursos e práticas interculturais

Tendo presente os objetivos a que proponho neste artigo: refletir, a partir da interculturalidade crítica e dos Estudos Culturais, sobre as formas como os/as professores/as egressos/as do curso de Pedagogia da UEMS, articulam saberes, discursos e práticas

interculturais na construção de identidades e diferenças no espaço escolar como forma de infiltrar, fragilizar e desconstruir perspectiva monoculturais produzidas sob o logos da modernidade. A investigação das práticas pedagógicas dos/as professores/as em sala de aula tornam-se um espaço privilegiado para compreender as formas como as professoras concebem e lutam, ou não, contra toda e qualquer forma de preconceito, discriminação, racismo e desigualdade social a partir das práticas escolares.

> A escola, como instituição cultural da modernidade, passou a alimentar-se do entendimento elitista e essencialista de cultura produzido sob o logos da modernidade, uma vez que currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação, concepções de identidades de gênero, sexualidade, etnia, classe e boa parte do pensamento pedagógico moderno alimentaram-se desse logos (RAUBER, 2017, p. 67-68).

Uma vez que a pedagogia intercultural crítica adquire concretude no coletivo da escola a partir das relações que se estabelecem entre professores/as e educandos/as, ao potencializar a formação de identidades híbridas na convivência, no diálogo e na comunicação envolvendo todas as instâncias que compõe o coletivo escolar, é possível interrogar, problematizar e subverter o logos do pensamento pedagógico moderno.

Durante as observações e entrevistas realizadas, durante as pesquisas de campo com as professoras buscou-se identificar de que forma as concepções e as práticas das professoras se identificam com esta lógica. Ou, em que medida, elas problematizam, interrogam e subvertem o logos moderno na perspectiva da pedagogia intercultural crítica ao colocarem em questão visões monoculturais, essencializadas, naturalizadas e inferiorizadas que circulam na cultura escolar hegemônica trazendo para os debates questões como, por exemplo, sobre a cultura brasileira, sul-mato-grossense.

Ao trabalhar sobre a formação cultural do estado de Mato Grosso do Sul, por exemplo, a professora Karla[2] estimulou os alunos da quarta série a pesquisarem, em diferentes fontes, sobre as influências culturais que marcam e identificam o sul-mato-grossense como hábitos alimentares, bebidas, ritmos musicais, práticas sociais, a própria língua e o jeito de falar e se relacionar com as pessoas e que recebeu forte influência das culturas autóctones como também de povos que para cá migraram e se fundiram num processo de hibridização.

Outro recurso utilizado pelas professoras e que possui indícios de práticas interculturais, são as formas como elas utilizam desenhos animados, histórias infantis e filmes a partir dos quais são exploradas questões distorcidas de valores, práticas sociais e culturais, consumo e vida em sociedade. Giroux (2008) alerta sobre o que ele denomina os riscos da "disneyzação da cultura infantil". Para ele, o papel e o poder cultural que muitos destes recursos podem exercer ao promover uma visão distorcida e ingênua com um apelo "à nostalgia, a um consumo estilizado ou a uma ideia unificada de identidade nacional" (2008, p. 137).

O autor alerta ainda sobre os incansáveis esforços que a *Disney Company* faz para promover, através de um interminável conjunto de produções mercadológicas que visam ensinar as pessoas significados e valores a partir de certos discursos pelos quais induzem as crianças a se localizarem e identificarem em narrativas históricas representações identitárias e práticas sociais e culturais adequadas à sociedade do consumo. "A *Disney* não ignora a

[2] Para preservar as identidades dos/as participantes da pesquisa usamos nomes fictícios.

história; ela a reinventa como um instrumento pedagógico e político para assegurar seus próprios interesses e sua autoridade e poder (GIROUX, 2008, p. 137).

Como podemos inferir a partir de Giroux (2008), essas práticas podem desafiar o papel tradicional dos/as professores/as de meros transmissores de informações. Os desenhos animados, os filmes e as histórias infantis precisam ser abordados na perspectiva da interculturalidade crítica. Muito mais do que um instrumento pedagógico em que entra em jogo a questão do poder cultural, nos filmes, nas histórias infantis, nos desenhos animados da *Disney* não existe nada de inocente naquilo que as crianças aprendem.

Sob o manto da inocência, as histórias da *Disney*, como também os filmes, as histórias infantis apresentados muitas vezes como celebração das relações sociais de aventura feliz e inocente, embora atraentes, se tornam o veículo através do qual a história é reescrita e expurgada de seu lado menos edificante, implanta-se um consumo estilizado e uma ideia de identidade nacional unificada sob um forte apelo aos valores da família, reforçam todo um jogo de poder cultural e encobrem todo um universo cultural amplamente conservador em seus valores (GIROUX, 2004).

O que não pode ser ignorado é que esses filmes produzem uma série de significados, códigos, representações, hábitos e discursos que abarcam todas as redes de significação através das quais as crianças são levadas a se identificarem, a partir das imagens e textos que estes trazem sobre a cultura branca e que as identidades que fogem desses padrões são desviantes, inferiores, pouco inteligentes. Uma ameaça a ser superada pelo processo educativo escolar.

Com estas atividades, as professoras possibilitaram às crianças interrogar, problematizar, refletir e ampliassem visões sobre a formação cultural do ser humano. Com isso, as professoras evitaram também implantar/difundir visões reducionistas e moralizantes sobre esse homem. Além de sugerir que os/as alunos/as buscassem identificar conhecimentos/saberes/práticas através dos quais os pantaneiros aprenderam a construir soluções para suas necessidades e para fazer frente aos desafios que a natureza de uma região com características tão adversas impõe ao ser humano.

Investigar sobre as formas como as relações sociais e de poder foram construídas ao longo da História e questionar as diferenças, as desigualdades vigentes entre os diferentes grupos étnico-raciais, socioculturais, de gênero ou de orientação sexual torna-se possível construir relações mais igualitárias e ajuda a empoderar aqueles que foram historicamente inferiorizados, silenciados ou negados. As diferenças não existem fora de um sistema de representação. Elas são criadas/produzidas dentro de um determinado sistema de poder em que "a identidade e a diferença, resultantes de um processo de produção simbólica e discursiva. [...] A identidade, tal como a diferença, é uma relação social [...] está sujeita a valores de força, a relações de poder" (SILVA, 2013b, p. 81).

Ao questionar e interrogar as relações sociais de poder vigentes na sociedade, a interculturalidade crítica torna possível promover relações mais igualitárias tanto entre sujeitos, quanto entre grupos sociais integrantes de diferentes grupos e sociedades e propõe a afirmação de direitos, o reconhecimento das diferentes identidades culturais e a busca permanente por uma posição de diálogo entre as diferentes culturas como forma de ampliar e aprofundar a discussão sobre as relações entre educação, cultura e poder a partir das práticas pedagógicas (CANDAU, 2011).

Os Estudos Culturais e a interculturalidade crítica constituem-se em instigante fonte de pesquisa através da qual, ao combater todas as formas de discriminação, invisibilização, silenciamento e inferiorização, se torna possível provocar microrrevoluções que ajudam compreender e a desmistificar concepções elitistas e hegemônicas de cultura e de

educação pelas quais a escola moderna se tornou um espaço privilegiado de regulação, controle e de governo para a produção de identidades etnocêntricas, machistas e brancas.

4. Considerações finais

Embora as professoras revelem dificuldades em abordar, de forma mais ampla e aprofundada, as concepções de identidades/diferenças em sala de aula, elas revelam concepções de identidades/diferenças não como essenciais e fixas, mas como passíveis de serem modificadas pelos processos educativos o que sinaliza a emergência de práticas que se aproximam da interculturalidade crítica. Embora, às vezes, preferem silenciar sobre o tema, as professoras pesquisadas se mostram abertas a processos formativos que lidam com essa temática.

As análises das práticas pedagógicas apontam para a dimensão da problematização como elo articulador do diálogo, da reflexão, do confronto de ideias e da tomada de decisões como ser humano no mundo que tem o direito de ser respeitado, reconhecido e valorizado nas suas diferenças. É preciso ressaltar ainda que as observações realizadas em sala de aula, como também as entrevistas apontam que esse esforço em problematizar e articular discursos e práticas já vem surtindo efeitos positivos nos/as professores/as egressos/as do curso de Pedagogia da UEMS. Tal efeito se manifesta ao introduzirem abordagens e práticas pedagógicas pelas quais interrogam, problematizam e fragilizam visões monoculturais e valorizaram o reconhecimento das identidades/diferenças a partir do espaço escolar.

Concluímos que o curso de Pedagogia foi fundamental para o desenvolvimento de estratégias para abordar as identidades/diferenças na perspectiva intercultural. Entretanto, dada a complexidade da temática, um processo formativo, na ótica da interculturalidade crítica, qualificaria ainda mais a prática docente frente às exigências, cada vez mais desafiadoras, que o atual contexto sociopolítico multicultural exige.

Referências

BACKES, José Licínio. **A negociação das identidades/diferenças culturais no espaço escolar.** São Leopoldo, Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2005.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Escola, didática e interculturalidade: desafios atuais. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Didática crítica intercultural: aproximações**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2012, p. 107-138. (Capítulo de Livro).

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan.-mar. 2012b. Disponível em http://www.cedes.unicamp.br Acesso em 12/10/2017. (Artigo em Periódico Digital).

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Número Especial – Cultura, Culturas e Educação. n. 23, maio/jun/jul/ago. 2003. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf> Acesso em: 15/06/2013.

GIROUX, Henry A. A Disneyzação da Cultura Infantil. In: SILVA, Tomas Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flávio (Orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais.** 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. P. 49-81. (Capítulo de Livro).

GIROUX, Henry A. Memória e Pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na Sala de Aula: Uma introdução aos Estudos Culturais em educação.** 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 132-158. (Capítulo de Livro).

PARAISO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, preconceitos e estratégias analíticas, In.: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 25-47. (Capítulo de Livro).

RAUBER, Pedro. **Práticas Pedagógicas voltadas para as identidades/diferenças e sua articulação com os processos formativos: um estudo com professores egressos do Curso de Pedagogia da UEMS/Dourados**. Campo Grande, 2017. 241 f. Tese (Doutorado) Universidade Católica Dom Bosco. .

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). A produção social da identidade e da diferença. In:. SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.**13 .ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2013b, p. 73-102. (Capitulo de Livro).

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. 4. Reimp. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2013ª. (Obra completa).

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org). **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43. (Capitulo de Livro).